PH

Revista
PERGENTINO HOLANDA . Nº 2066 . Ano XLII

imirante.com
São Luís, 18 e 19 de junho de 2022 . Sábado/Domingo

# Festejado na intimidade da família o centenário de uma grande dama da *sociedade maranhense*

PAG. 2

Dona Helena Machado Moraes Correia comemorou seu primeiro centenário de vida com uma festa só com a família e os amigos mais íntimos

# Mais uma vez o festejo Balaio de Sotaques do Sesc, atraiu convidados *para uma linda noitada*

PAG.8

Novo presidente da Fecomércio-MA, Maurício Feijó deu as boas-vindas aos convidados na abertura do Balaio de Sotaques

Divulgação/ Herbert Alves

**A ATRIZ**
Áurea Maranhão entre as fotos da mostra "Ritos Tenetehar – A Cultura Ancestral de um Povo", dos fotógrafos Meireles Junior e Taciano Brito

PÁG. 4 e 5

# SENTENÇA POÉTICA: *todos os poemas felizes mentem – eles não sabem fugir à gramática*

**1** É de noite. Fico acordado até que os olhos me doam. É então que abro a janela. Espreito o rio que corre, dolente, e escuto a canção que me diz baixinho: todo o amor é vão. Não posso concordar mais. Houve dias em que me senti capaz de caminhar sobre as águas do teu próprio corpo, mas isso foi antes, quando ainda havia tempo nas nossas vidas. De noite tudo dói mais.

Mas a noite o que é? É começar a morrer assim, de repente, enquanto a chuva tropeça nos vidros como areia grossa e as coisas, todas as coisas, se esfumam, esbatidas, em meios tons de esquecimento.

Entre o partir de ti e o chegar sem ti, todo eu sou caminho.

**2** Era quase meio-dia, o sol a pique, e os dois homens desciam rumo à Igreja do Desterro de mãos dadas. Não havia nesse gesto nada de escandaloso, romantismo nenhum. Um dos homens levava ares de vagabundo ou de náufrago e agarrava a mão daquele que levava uma mochila às costas, mais seguro este. Iam em direção à velha igreja românica do fundo da rua e o seu modo de se darem as mãos não era sequer fraterno.

Iam de mãos dadas como quem se ampara para atravessar, às escuras, um pedaço de chão que se não conhece – como se o simples toque das mãos de um nas mãos do outro fosse capaz de tornar mais segura a caminhada.

Desciam a rua de mãos dadas e era como se atravessassem a vida toda em poucos passos.

**3** Há quem recorra às drogas e ao álcool, à meditação, às propriedades alucinantes de certas plantas. Mas bastam uns óculos de sol para criar um paraíso artificial.

O mundo fica mais intenso e contrastado quando olhado através das lentes escuras. As nuvens, por exemplo – sucede-me frequentemente emocionar-me com o dramatismo de certas nuvens, com a sua espessura grave, a sua consistência quase excessivamente corpórea e sombria.

Depois tiro os óculos de sol para ver melhor e, afinal, nada daquilo existe e no céu não há senão banalíssimas e insosas nuvens brancas.

**4** Infelizmente os meus sósias são, na verdade, falsos duplos. Não posso fazer-me representar por eles, o que, ocasionalmente, seria de grande utilidade. Dava-me jeito, por exemplo, ter um múltiplo que trabalhasse por mim. Mas não é só isso. Fulano aborrece-se comigo porque não vou aos Lençóis. Beltrano zanga-se porque não vou a Maputo. Sicrano apreciava que eu desse um salto a Nova York.

Gostava de lhes fazer a vontade e, ainda, de dar um pulo até Buenos Aires, ao Rio de Janeiro, a Dublin, a Tóquio, a Havana.

Mas não disponho de vidas que cheguem para tanto mundo.

**5** Com o verão tropical vieram também os ventos gerais, essa nortada agreste que varre a costa e despenteia os cabelos nas moças, levanta volutas de pó, engelha a superfície do mar, verga as árvores de constituição mais frágil e dobra os arbustos; que agita as saias das mulheres, arrefece os corpos deitados ao sol e rouba chapéus a quem os tenha.

É vigoroso e indômito, este vento, e parece capaz de arrastar tudo consigo, de levar para longe todas as coisas leves que se lhe atravessem no caminho – tudo exceto os maus pensamentos e as recordações, aquelas que são amargas e as que continuam doces.

**6** Luta pelos teus sonhos! Vai atrás deles!, dizem. E até parece fácil.Não é. Há ocasiões em que os sonhos deixam de estar disponíveis. Também há o risco de, uma vez lá chegados, os sonhos não serem exatamente como os tínhamos imaginado – e serem, antes, uma coisa amarga e feia, cruel. E é também conveniente gastar os sonhos com parcimônia, sobretudo quando não se tem muita imaginação ou ambição.

Um tipo modesto, que corra atrás dos seus sonhos todos, depressa se verá confrontado com a falta de um motivo suficientemente forte para se levantar da cama todos os dias.

**7** Há uma idéia romântica associada ao nascer do dia, a qual, após dois dias de denodada investigação, me parece manifestamente exagerada. Está bem que é engraçado ouvir os pássaros chilreando invisíveis entre as folhas das árvores. Muito certo. E a luz diáfana da manhã principiando a erguer-se no horizonte também não é desengraçada. Mas, àquela hora do dia, um tipo está normalmente demasiado fatigado e ébrio para conseguir apreciar o instante.

Ou seja: o nascer do dia não devia acontecer antes das três da tarde!

**8** Toda a beleza conjugada no passado dói. É de lei. Por isso é que todos os poemas felizes mentem. Não sabem fugir à gramática e o tempo que morreu não se ensina – tudo o que não é repetível impõe uma ferida.

Queria repetir-te. Mas não posso. Deixar-te. Mas atrasaram-se os passos. Tentarei uma inutilidade qualquer como inventar-te um pouco mais ao lado. Mas será tarde e será longe.

**9** Fernando Pessoa ensina: "Quem quer dizer o que sente não sabe o que há-de dizer. Fala parece que mente, cala parece esquecer".

Gosto de viajar. Emociona-me quando cai a noite. Seja no Ocidente ou no Oriente, pouco importa. A noite é sempre igual e cúmplice, em qualquer lugar.

Afinal, há uma coisa boa de viajar de Oriente para Ocidente, ao fim do dia: a eternidade do pôr do sol.

Foi há muito tempo, lembro, que lhe dei a lua numa noite em que a lua estava cheia.

– Toma-a, é tua! – disse.

E ela saiu à rua para agarrar o presente nos olhos.

Fotos/Divulgação

O presidente da Fecomércio-MA, Maurício Feijó, acompanhado da esposa, Ana Célia, da Diretora Regional edo Sesc Rutineia Monteiro e do Superintendente do Sistema Fecomércio, Max de Medeiros (no centro)

# BALAIO DE SOTAQUES

## *agitou o Sesc Turismo com uma noitada ao som das melhores toadas maranhenses*

Foi um grande sucesso, na noite do último sábado, dia 11, a abertura da edição 2022 do Balaio de Sotaques, com uma esplêndida noitada de apresentações de grupos folclóricos no Sesc Turismo, no Olho d´Água.

O primeiro dia do tradicional arraial do Sesc reuniu grande público e contou com a presença de membros do Conselho e Diretores da Fecomércio.

Na alegre noitada, o Presidente do Sistema Fecomércio, Maurício Feijó, e a Diretora Regional do Sesc, Rutineia Monteiro, receberam, entre outras personalidades, a Vice-Prefeita de São Luís, Esmênia Miranda.

A programação do Balaio de Sotaques continua até o dia 25 de junho nas unidades do Sesc em São Luís, Raposa e Caxias.

A Vice-Prefeita de São Luís, Esmênia Miranda, acompanhada do Presidente do Sistema, Maurício Feijó, Diretores e Membros do Conselho

Maurício Feijó acompanhado de sua esposa, Ana Célia, da Diretora do Sesc, Rutineia Monteiro e da Presidente do Boi de Axixá, Leila Naiva

Raimunda Holanda e sua filha ao lado de José Ahirton Lopes e sua filha Maria Clara

Benilton Gonçalves, Membro do Conselho do Sesc e família

Manoel Barbosa e esposa ao lado da Diretora do Sesc, Rutineia Monteiro e Conselheiro Antônio Sousa

Esmênia Miranda, entre José Ahirton Lopes, Maurício Feijó, Manoel Barbosa e Rutineia Monteiro

O Vice-Presidente da Fecomércio e Presidente da Amasp, Manoel Barbosa, acompanhado de sua família

# JANTANDO O NOTICIÁRIO

## *ou a certeza de que comer é uma compulsão do mundo moderno*

Antigamente, os poetas compensavam suas desilusões com cavas e profundas olheiras, uma cinturinha de toureiro andaluz e uma tísica fatal até que o doutor Fleming descobriu as sulfas e a penicilina.

Hoje, comer é uma compulsão do mundo moderno, uma "doença" do século 21, talvez para contrabalançar as suas angústias.

Ser poeta e ser tuberculoso era uma "associação" quase natural. Um grande desgosto no amor ou na vida e – zás! – o sujeito se recusava a comer.

Que falta faz o mal de siècle, pelo qual uma face encovada e a ausência de barriga atestavam a "sensibilidade" do homem. Hoje, até os poetas são obesos. Talvez porque as desilusões e as más notícias sejam servidas à mesa. É preciso ter muito estômago para ligar o telejornal na hora do jantar. Há sempre uma bandeja de más notícias invadindo o seu palato.

O cardápio reúne quase todas as proteínas do mal. Justiça corporativista. Governos e prefeituras apanhados em grossa roubalheira. ONGs fantasmas "sugando" o meu, o seu, o nosso. Políticos ordenhando estatais.

Os "grampos" já não valem como provas, mas as gravações continuam "aterrorizantes". O homem se vinga comendo. O mundo vai mal, o trânsito está pior, as sete pragas do Egito parecem adentrar a sala dos viventes. A vida "lá fora" anda tão lúgubre que guarda semelhanças com o Inferno dantesco – lírico e terrível.

Com tanta hostilidade do lado de fora, o ser humano prefere refugiar-se no seu "interior", exercitando os sentidos, especialmente o paladar.

Não foi por outro motivo, senão esse abjeto panorama exterior, que o Palato, também conhecido como Céu da boca, deu uma espiada para o lado de dentro do corpo humano e gritou para o Estômago:

– Nem acompanhe o telejornal hoje, meu amigo, porque a "coisa" tá feia! Dá náuseas!

O Estômago, que é um rapaz sensível, não pode ver, sem se sentir enjoado, os acidentes de trânsito, o sangue derramado dos inocentes, os assaltos dos colarinhos brancos à bolsa da "Viúva", a violência urbana e a insensatez política, as intermináveis CPIs e seus relatórios inócuos.

Disposto a esquecer esse teatro do absurdo, o Estômago gritou para o Palato:

– Hoje quero comer bem e beber melhor!

O Palato, que vive em conjunção carnal com a Língua – essa senhorita carnuda e fofoqueira –, começou a procurar as compensações que o seu dono exigia, por viver naquele mundo tão cruel e perverso.

Compensações "gastronomiques" – e também libativas, só para seguir aquele sábio conselho do filósofo tupiniquim:

– Vamos tomar "mais uma" pra manter o desequilíbrio...

– Vem aí um champanha! – comemorou o Palato. – É um Veuve Cliquot!

Haverá bebida mais adequada? O champã da Viúva!

Sorvido o abençoado apéritif, recepcionado pelo Palato e por todo o "encanamento" interior, a dose da Veuve eletrificou o esqueleto do vivente, produzindo um "frisson" de estremecer a espinha. Melhores emoções estavam por vir.

O Palato deu uma espiadela na mesa e informou:

– Hoje é o teu dia de sorte, seu istepô!

– E por quê? – quis saber o Estômago.

– Porque o populismo dos candidatos está pronto para oferecer ova de tainha e caviar a pouco mais de um real!

– Maravilha!

Assim será enquanto imperar o "dólar baixo". Jorrará leite e Coca-Cola das torneiras. Os professores terão aumento. Os aposentados serão melhor atendidos na fila do INSS. Os restaurantes a quilo oferecerão as mais finas "ingestas".

– Camarões fritos com caipirinha pra todo mundo, gente!

E mandem a conta para os políticos.

A gastronomia, já se disse tantas vezes, é uma arte feita para ser destruída. A receita levada à mesa com o desenho digno de uma tela colorida, capaz de honrar a parede de um grande museu, deve ser desfigurada com garfo e faca. Por isso, desde muitos anos, antecipando o atual surto de celulares e câmaras fotográficas, os japoneses quando jantavam nos restaurantes famosos de Paris tinham a prudência de fotografar o prato antes de destrinchá-lo. Providência admirável para perpetuar, não só a imagem que impressionou os olhos, mas também os sabores que marcaram a memória gustativa.

O imenso livro de Marcel Proust foi construído sobre a pequena memória gastronômica de uma madeleine. Com o livro, Proust perpetuou – com mais engenho que os japoneses, por certo – a lembrança fugidia da infância.

Assim como a arte da gastronomia se faz para ser destruída, a memória é feita para o esquecimento. O cérebro se encarrega de faxinar constantemente nosso depósito de recordações. O PH preserva dessa faxina e não cansa de ler e recordar Giuseppe Tomasi di Lampedusa, o maior escritor italiano do século 20, que como Proust recusava essa fatalidade do esquecimento. Escrevendo, Lampedusa construiu os muros da praça fortificada de suas recordações: "Ter um diário ou escrever a uma certa idade as próprias memórias deveria ser um dever 'imposto pelo Estado': o material que se teria acumulado depois de três ou quatro gerações teria um valor inestimável: muitos problemas psicológicos e históricos que assolam a humanidade seriam resolvidos. Não existem memórias, mesmo quando escritas por personagens insignificantes, que não encerrem valores sociais e pitorescos de primeira ordem". Lampedusa, durante "o declínio da vida", dedicou-se a anotar "o mais possível das sensações que atravessaram a existência". Conseguiu capturar momentos "que sem esse leve esforço seriam perdidos para sempre". Certas páginas incomparáveis do seu Il Gattopardo, de tão vívidas, parecem emergir de um diário. Por exemplo: a noite em que Angélica surge no romance, quando "a sensualidade se mistura com os sabores do jantar".

Visconti recriou essa cena no cinema com mágica delicadeza. Angélica (Claudia Cardinalle no esplendor dos 20 anos) vive um jogo sutil de cativante sedução com o Príncipe (o alter ego de Lampedusa, vivido na tela por Burt Lancaster) e Tancredi (Alain Delon) num jantar que é a primeira refeição da família na casa de veraneio: "A porta se abriu e entrou Angélica. A primeira impressão foi de deslumbrada surpresa. Os Salina perderam a respiração; Tancredi chegou a sentir como se lhe pulsassem as veias das têmporas. Ela era alta e bem feita, sua carne devia possuir o sabor da nata fresca, a boca teria o sabor de morangos..."

## Bibi Ferreira em livro

A primeira vez que Abigail subiu ao palco foi em 1922, com apenas 24 dias de vida, no colo da madrinha artista que a levou para viver o bebê da peça Manhãs de Sol.

Mas a primeira vez que de fato interpretou foi anos depois, em 1941, na montagem La Locandiera.

É bem verdade que estrear como atriz de teatro não foi uma escolha propriamente dela, mas dos pais, Procópio e Aída Ferreira. Uma escolha acertada, porque desde aquele dia Abigail nunca mais deixou de sentir as tábuas do tablado lhe tocarem os pés. E então virou Bibi. Bibi Ferreira (1922-2019), a grande dama do teatro brasileiro, que tem estas e outras de suas histórias narradas na recém-lançada biografia Bibi Ferreira - A Saga de uma Diva.

## Bibi Ferreira em livro...2

Quem assumiu a responsabilidade de traduzir os mais de 90 anos de carreira da artista em livro foi a jornalista e atriz gaúcha Jalusa Barcellos, amiga pessoal de Bibi.

As duas se conheceram nos anos 1970, no Rio de Janeiro, quando, em plena ditadura militar, Jalusa foi participar de uma reunião clandestina do Partido Comunista e quem lhe abriu a porta foi ninguém menos que Bibi Ferreira.

A reunião em questão era na casa da atriz, à época casada com o dramaturgo Paulo Pontes.

Foi aí que biógrafa e biografada se viram pela primeira vez, mas a proximidade só veio alguns anos depois, ao estrelarem juntas o musical Piaf - A Vida de uma Estrela da Canção.

Daí, seguiram-se quatro décadas de uma amizade interrompida somente em fevereiro de 2019, quando Bibi veio a falecer, envolvida com aquele que seria o seu último trabalho: a biografia.

## Bibi Ferreira em livro...3

O livro começou a ser produzido em 2018, com o aval e a participação da atriz – antes, porém, ela pediu que Jalusa reparasse "uma grande injustiça que o teatro brasileiro faz" e fizesse uma biografia sobre seu pai, Procópio Ferreira.

Cumpridos os requisitos, a gaúcha deu início ao trabalho de pesquisa que reuniu relatos de Bibi e de mais de cem entrevistados que conviveram com ela. Nomes como Fernanda Montenegro, Maria Bethânia, Antonio Fagundes, Jô Soares e dezenas de outros que contribuem com histórias espalhadas pelas mais de 600 páginas.

Páginas de uma biografia diferente. Uma "biografia afetiva", como fica avisado desde a capa e os primeiros parágrafos da obra. Porque foi escrita por uma amiga íntima de Bibi, é claro, mas também por um pedido da atriz, que disse a Jalusa, antes de iniciarem os trabalhos: "Não tenho mais saco nem memória para ficar levantando e reproduzindo 96 anos de vida. (...) Faça uma biografia afetiva. E foi o que ela fez.

## Bibi Ferreira em livro...4

As histórias contadas pelos entrevistados, e até mesmo por Bibi, misturam-se com a visão pessoal da biógrafa, que também recorre à própria memória para narrar causos vividos com a amiga. E transpõe para as páginas coisas que só mesmo uma biógrafa que é também confidente particular de sua biografada poderia conseguir.

Por exemplo, uma entrevista com Claudina, espécie de alter ego cômico que Bibi costumava interpretar na presença de pessoas íntimas.

Claudina é uma adolescente rica e mimada que mora em Paris e odeia teatro. O encontro com a personagem foi na casa de Bibi, pouco antes de morrer. Para Jalusa, uma prova de que, mesmo com a saúde já bastante fragilizada, a amiga nunca perdeu o senso de humor e a capacidade artística:

– Nos nossos últimos encontros, ela já estava se despedindo. Falava cada vez menos, mas nunca se recusou a responder alguma coisa e nunca perdeu o senso de humor.

## 70 anos na Academia

O ex-Presidente José Sarney completa, em 2022, 70 anos de ingresso na Academia Maranhense de Letras.

Ele fora eleito para a Cadeira 22 da AML em 1952, com apenas 22 anos, para substituir Raimundo Feliciano Corrêa da Silva.

Sarney, que seria homenageado pela Academia em 2020 ao completar 90 anos de idade – solenidade suspensa em razão da pandemia – recebeu ontem, amigos e admiradores na Casa de Antônio Lobo, com direito a lançamento de livro e exibição de documentário sobre sua vida e obra.

## Na ONU

Prof. Rodrigo Marques, CEO do grupo educacional que inclui a Escola COC e a Faculdade ISL Wyden, e Lou Marques, diretora administrativa do grupo, em frente à sede da ONU em Nova York.

Rodrigo e Lou entregaram uma carta redigida (em inglês, português e espanhol), e assinada pelos alunos e alunas da escola COC, endereçada ao secretário-geral da ONU, Sr. Antonio Guterres, com propostas e soluções para o cessar fogo da guerra Rússia-Ucrânia.

Prova de que as novas gerações têm "sede" de impactar e transformar o mundo!

**A ESPECIALISTA** em vinhos Cris Holanda, que vai ministrar workshop sobre harmonização de queijos e vinhos na Cozinha Potiguar, neste sábado na loja do Cohafuma

## "BOLO JUNINO" NA COZINHA POTIGUAR

A Cozinha Potiguar segue com uma super programação de cursos e workshops de culinária, sempre abertos ao público e gratuitos.

Neste sábado às 10h a Cozinha Potiguar recebe a empresária Carol Barros, fundadora da rede Karolícias, marca que é sinônimo de delícias e dispensa apresentações de seus doces, bolos e coxinhas que são mega famosos.

Ela vai ensinar a fazer uma receita de bolo junino da Karolícias.

As inscrições prévias devem ser feitas no link do perfil no instagram @potiguarhome center.

Fotos/Divulgação

## A vida curta dos compositores

A vida curta dos compositores era uma lenda urbana. Havia um mito sobre quem faz música: muito som, pouca vida. Isso vinha do século 18 e do século 19, quando compositores produziam muito, mas viviam pouco.

Foi o caso de Mozart, com seus 35 anos de vida e catálogo estufado de músicas. Ou Chopin, com 39 anos de vida, muitas músicas para piano e saída rápida de cena.

Mas a ciência deu um jeito de prolongar vidas, não só as dos compositores. Como na covid de hoje ou na gripe. Aliás, onde está o financiamento público para a ciência brasileira? Onde está o respeito à Lei Rouanet? Ou a consciência da cultura, educação e ciência como centrais para o país?

Em alguma gaveta do esquecimento proposital, por certo, para tentar sufocar o que para alguns é ameaça insuportável ou a falsa inutilidade da qual fala Nuccio Ordine em A Utilidade do Inútil.

## A vida curta dos compositores...2

Voltemos aos compositores. Antes do século 18, tinha existido Schütz, que sobreviveu às agruras da Guerra dos Trinta Anos para morrer em 1672 aos 87 anos, idade surpreendente para aquele tempo de privações.

Depois do século 19, teve Richard Strauss: atravessou duas guerras mundiais para se retirar do mundo um ano depois do meu nascimento, em 1949, aos 85 anos, lamentando em música, nas Metamorfoses para orquestra de cordas, o que as guerras tinham apagado – vidas, cidades, quase que a própria possibilidade de fazer música.

Um caso admirável de compositor idoso foi o norte-americano Elliott Carter, falecido em 2012, aos 103 anos. Não apenas isso: depois dos 90 anos, ele desatou a produzir e foi celebrar o seu centenário pessoalmente no Carnegie Hall de Nova York, com uma obra composta por ele mesmo especialmente para a data. Subiu ao palco, ganhou bolo de aniversário e Parabéns pra Você. E reclamações. Sim, porque Daniel Barenboim, solista do concerto, protestou que tudo era muito complicado de tocar. Tocou, mas emburrado.

## A vida curta dos compositores...3

Uma vez, no começo de um inverno em Nova York, assisti a um debate com Carter, na estreia da sua ópera What Next, composta aos 90 anos. Nenhuma dificuldade de raciocínio da parte do compositor. Alguma demora ao preparar as respostas às indagações, só isso.

Em seguida, o raciocínio vinha firme e fluido, como a sua música – que é muito difícil de ouvir, já aviso aos curiosos. Ou seja: a longevidade é uma meta da pessoa humana e, para alguns compositores, ela chegou desdizendo o mito de que quem cria música onde música não existia há que morrer cedo.

## Opinião qualificada

A equipe de campanha da pré-candidatura de Weverton Rocha tem avaliado em detalhes, com meio de pesquisas qualitativas, até que ponto vale a pena uma provável declaração de apoio do prefeito de São Luís, Eduardo Braide.

Alguns aliados de Weverton acham que, pelo desgaste público do prefeito, o apoio pode mais atrapalhar do que ajudar.

E na maioria dos grupos pesquisados nas chamadas qualis há essa indicação negativa sobre Braide.

Weverton, porém, quer pagar pra ver.

## Velten no governo

O governador em exercício do Maranhão, desembargador Paulo Velten, parece que pegou o gostinho da política.

Ele tem demonstrado bastante desenvoltura em reuniões oficiais e na participação em alguns eventos sociais.

Nos festejos juninos, então, Velten tem sido uma presença constante nos arraiais.

## Secretário afoito

Tem chamado a atenção de muitos observadores da cena política o estilo afoito do atual secretário de Cultura do Governo do Maranhão, vereador Paulo Victor.

Alguns avaliam que ele, picado pela mosca da vaidade, tem se achado mais importante que o próprio governador Carlos Brandão.

No primeiro escalão do governo mesmo, o nome de Paulo Victor tem sido alvo de chacota.

## Prefeito da cidade?

Tamanha é empolgação do secretário Paulo Victor com o efeito midiático do São João que tem dito aos quatro cantos que, do jeito que a coisa anda, vai se candidatar a prefeito de São Luís em 2024.

Nos arraiais de São Luís, especialmente no Ipem, o secretário dança no palco, canta toada, faz e acontece, como forma de chamar a atenção nas redes sociais.

Até ontem um ilustre desconhecido, vereador de pouca visibilidade, Paulo Victor cresceu os olhos depois de vencer por W.O. a eleição para a presidência da Câmara Municipal.

Fabiana Guajajara e Cacique Sílvio Santana, Diretora Geral e Presidente do Centro de Saberes Tenetehar Tukán

# RITOS TENETEHAR:

## *o eco da floresta e da ancestralidade Guajajara presentes na noite de autógrafos de Meireles Jr. e Taciano Brito*

A Noite de Autógrafos da obra "Ritos Tenetehar – A Cultura Ancestral de um Povo", dos fotógrafos Meireles Júnior e Taciano Brito, aconteceu de forma especial e reuniu uma multidão de fãs dos autores, que foram presenteados com uma noite de imersão na bela cultura do povo Tenetehar (Guajajara).

Esse livro marca dois momentos especiais para seus autores: os 25 anos de arte e dedicação de Meireles Jr. à fotografia, com oito livros já lançados, o que já lhe rendeu o título informal de Embaixador das Belezas do Maranhão no mundo. E os 10 anos de profissão do fotógrafo e cineasta Taciano Brito, sendo esse seu primeiro livro.

Quem compareceu ao coquetel de lançamento no São Luís Shopping foi brindado com o show instrumental de Marcelo Carvalho e banda, no perfeito tom intimista para as pessoas circularem pelas belas instalações artísticas com temática indígena, vídeos e fotos que ilustram o livro.

O ponto alto da noite foi a chegada do grupo de 20 indígenas Tenetehar. Eles vieram direto do Território Araribóia, no sul do Maranhão, e fizeram uma intervenção musical com dança típica de sua aldeia. O Cacique Sílvio Santana e Fabiana Guajajara, respectivamente o Presidente e a Diretora do Centro de Saberes Tenetehar Tukàn, falaram em nome do grupo. Eles agradeceram aos fotógrafos por terem captado com maestria três belos ritos de seu povo – A Festa do Mel; a Festa da Menina Moça e a Festa dos Rapazes, pela primeira vez registrados e, agora, eternizados para as futuras gerações. Eles ressaltaram a importância de preservar as tradições de 400 anos de um povo que é pura resistência:

"Esta obra torna-se um registro inédito e importante para a preservação do nosso território" disse o Cacique Sílvio Santana.

"Acreditamos que esse seja o primeiro de muitos projetos que venham mostrar a importância dos povos indígenas não só do Maranhão, mas do Brasil. O Centro de Saberes Tenetehar Tukán tem essa causa de preservar e valorizar a nossa cultura. E mais, os nossos trabalhos são todos direcionados para a maior biodiversidade do mundo que é o Portal da Amazônia e que fica também dentro do nosso território Araribóia. O que está por trás de toda a identidade do nosso povo é essa preservação ambiental, nada é possível para os povos indígenas se não existir a Mãe Terra, a Natureza e toda a sua biodiversidade. Hoje, demos um primeiro passo muito importante para a valorização da nossa cultura no mundo, e somos muito gratos aos amigos Meireles Jr e Taciano Brito que tanto se empenharam nesse trabalho lindo. Vem muito mais por aí!" – disse, emocionada, Fabiana Guajajara que, depois, convidou o público a se unir aos indígenas numa roda de canto tupi e dança, pois segundo ela "quando estamos felizes cantamos para celebrar, e quando estamos tristes também cantamos e dançamos, para manter nossa espiritualidade e nossa saúde mental".

E foi assim que o público girou e cantou, numa catarse de felicidade e prazer ancestral. Do Tupi ao Pop, a noite foi encerrada com chave de ouro pelo pocket show com pop rock acústico de Adriano Correa e Edinho Bastos.

A obra encontra-se à venda no local da mostra, no São Luís Shopping. Com luxuosa encadernação, é um livro trilíngue, com textos em português, inglês e tupi; além de ter QR Codes, que o leitor pode acessar para ver e ouvir músicas e cenas dos rituais e making off do trabalho na aldeia.

Fotos/ Divulgação/Danielle Vieira

A cantora Sandra Duailibe

Desembargador Jorge Rachid Maluf

Cineasta Joaquim Haickel e Jacira

José Jorge e Beth Soares, Fabiana Guajajara e Cacique Sílvio, Elizabeth Rodrigues, Cacique Daniel Guajajara e Erika Nogueira

Vinícius e Acácia Fernandes, o músico Adriano Corrêa que fez show de pop rock e André Fernandes

Orlando Gonçalves e José Domingues Neto

Roberto Bastos (Fiema) e Francisco Fraga Araújo(Sedepe)

Meireles Junior com Ironara Pestana e Étia Vale

Fotos/Divulgação/ Danielle Vieira

Taciano Brito e Meireles Jr. com o povo Tenetehar

A bela e engajada Fabiana Guajajara

O Mestre Edgar Rocha, que fez a curadoria das fotos da obra, ao lado da fotógrafa Danielle Vieira

Time da Ideia Propaganda que fez a edição e coordenação editorial: Márcio Veiga e André Fernandes, Taciano Brito e Meireles Jr. e Miguel Abdala

Danielle Vieira, a cantora Flávia Bittencourt, Roberta Gomes e Adriana Vieira

Andrea Karla, Murilo Menezes e José Maria Meireles, pai de Meireles Jr.

O promotor Marcos Aurélio Barros e o Diretor Superintendente do Sebrae-MA Albertino Leal Barros Filho

Jussara Nogueira e Alexandre Falcão

Acácia Jordão, o casal Carolina Jordão e Taciano Brito e Carmen Britto

Os fotógrafos assinando as obras para o casal Carlos Schmidt e Maria José e Cássia Melo (Grupo 8)

Sofia e Célia Rossetti

A mostra sobre os ritos do Povo Tenetehar, que pode ser conferida por alguns dias no segundo piso do São Luís Shopping

Taciano Brito, Cacique Sílvio Santana, Fabiana e Sulueni Guajajara com Meireles Jr. e a esposa Andreia, e os filhos João Guilherme e Maria Eduarda

FotosDivulgação

A avenida da Torre de Belém ilustrada pelo artista Tomás Reis, arquiteto e urban sketcher que assina este belíssimo desenho

# OS JACARANDÁS DE LISBOA

## *pintam a primavera portuguesa de um belíssimo azul lilás*

Este ano começou mais cedo, por causa do calor, mas todos os anos, os jacarandás enchem a cidade de Lisboa de uma cor sem igual. Foram levados do Brasil, Tejo dentro. Não é essa a origem inicial dos jacarandás. Na Argentina, diz-se que se ouve o tango debaixo deles. E em Pretória encontraram as condições ideais. História de uma árvore com história.

Há quem afirme que a melhor vista para o azul lilás com que os jacarandás pintam Lisboa nesta época do ano se alcança do rio Tejo. Pode ser, até porque a cidade e a sua abertura ao mar tem tudo a ver com a história destas árvores na cidade. Foi com o embalo dos ventos que levavam as embarcações de volta ao Tejo que também foram as sementes dos Jacarandás da América Latina, no início do século XIX. Foram do Brasil. Primeiro, para integrar a coleção do Jardim Botânico da Ajuda. Depois, para serem espalhadas pela cidade.

O Jacarandá mimosifolia é uma espécie arbórea que, em Portugal, se faz notar no período que antecede o verão, anunciando-o. Dispensa as suas folhas no fim de abril para que, de maio a junho possa pincelar Lisboa com frondosas manchas azul lilás, abraçando as suas praças e ruas. É uma árvore exótica, nativa do Brasil, Argentina, Bolívia e Paraguai, e que tão bem se adaptou ao clima de terras portuguesas.

Porque o Homem gosta de assumir a função de pássaro, dispersando sementes desde que começou, como eles, a viajar pelo mundo, reza-se que este feito de levar os jacarandás para Lisboa teve a mão de Felix Avelar Brotero, ninguém menos do que o pai da Botânica em Portugal, tendo dirigido o Jardim Botânico da Ajuda de 1811 a 1826. Como boa prática, que herdou dos tempos em Paris, à semelhança do que fez com outras espécies, também oferecia as sementes desta árvore a quem quisesse cultivar pela cidade. Afinal, tinha-as à mão de semear.

Quem o afirma é Dalila Espírito Santo, a engenheira que também dirigiu esse Jardim Botânico de 2002 a 2019, confirmando que Brotero, para incentivar a plantação, propagandeava: "É uma belíssima árvore para Lisboa". Algo que, para a anterior diretora do jardim, serve de prova para o seu papel na difusão da espécie que está um pouco por toda a cidade.

Curiosamente, a introdução da planta antecede o regresso da Corte do Brasil, numa época em que os pigmentos do espectro azul eram valiosíssimos. Para a realeza, no entanto, essa planta, pelo seu exotismo, tinha um valor não comercializável: era uma forma de demonstrar o poder real. "Elementos exóticos, como o jacarandá, serviam como um gênero de televisão da época", para nobres e povo, explica a especialista. Não é por acaso que o Rei D. João VI, quando regressou a Portugal, decidiu que o Jardim Botânico deveria abrir todas as quintas-feiras ao público. Se ainda hoje nos impressiona, apesar dos estímulos a que estamos expostos, imagine-se naquela época.

Há um outro segredo que, nos nossos tempos, só é conhecido pelos estudiosos e atentos: as duas árvores do Jardim Botânico, talvez por serem as primeiras a ser aclimatadas a Lisboa, são as últimas a florir na cidade, o que talvez as reassegure que terão uma floração mais exuberante do que as outras, que delas brotaram um dia. Este ano, as flores apareceram pela cidade na primeira semana de maio.

Os jacarandás entre os prédios seculares nas das ruas de Lisboa

A avenida da Torre de Belém é um dos lugares de eleição para apreciar os jacarandás de Lisboa

As árvores espalharam-se por Lisboa, mas florescem mais lentamente acima do Tejo

O Jacaranda mimosifolia parece estar em contraciclo pela sua postura, quer na caducidade da folha, quer na floração. Mas há quem esclareça que "a árvore está a ser coerente com o seu ciclo, tendo um período fugaz sem folhas". A floração desperta com a temperatura que teria o mesmo efeito na América Latina, e que só é atingida por aqui no anúncio de verão de uma primavera tardia.

Esta necessidade de temperaturas elevadas, impede que a árvore seja uma boa escolha para zonas a norte do Tejo – por isso fica por Lisboa. De forma sutil, essa espécie tipicamente dá flor uma segunda vez, lá ou aqui no outro lado do Atlântico, seguindo as estações e temperaturas.

Embora Lisboa tenha uma grande fama pelos seus Jacarandás, a verdadeira capital mundial dos Jacarandás é Pretória, na África do Sul – também longe das suas origens. Alguns livros de Botânica afirmam que os portugueses foram responsáveis por disseminar essa espécie, assim como em outros países e continentes. Seja como for, por essas bandas, porque as condições para a sua floração estão reunidas na altura de exames, a superstição diz que a queda de uma flor na cabeça, algo bastante provável, significa sorte nos exames.

Poetas argentinos, atentos a sons que só escutam certos ouvidos, juram que estas árvores cantam tangos a quem por baixo das suas copas passa. Em Lisboa, Eugénio de Andrade cantou-lhes um poema: "Não sei doutra glória, doutro paraíso: à sua entrada os jacarandás estão em flor, um de cada lado./ E um sorriso, tranquila morada, à minha espera./ O espaço a toda a roda multiplica os seus espelhos, abre varandas para o mar./ É como nos sonhos mais pueris: posso voar quase rente às nuvens altas – irmão dos pássaros – , perder-me no ar".

Motivo de ode para o célebre poeta e de deleite para muitos lisboetas, o jacarandá continuará, no entanto, a ser a árvore da nossa discórdia: ora pelo odor que não apraz a todos, ora pela ideia que suja – passeios e carros estacionados. Poderá importar saber que a árvore é especialmente importante para o meio urbano, mais do que pelo embelezamento, pelo ambiente. E que disso depende a sua resiliência aos dois principais ataques a que estão sujeitas: podas e poluição.

Até fim de junho, o espetáculo dos jacarandás em flor pode ser visto, sem convite, nos mais diversos cantos e recantos de Lisboa, mas os principais destaques são o Largo do Rato, Parque Eduardo VII, Largo do Carmo, Av. D. Carlos I e Av. da Torre de Belém. Mas, se por algum motivo lhe escapar agora à vista, lembre-se que a árvore em setembro voltará a florir. Mais timidamente, quiçá pelo frio, sem voltar a despir as folhas para que o azul lilás sobressaia.

Evandro Júnior
evandrojr@mirante.com.br

# TAPETE VERMELHO

_evandrojr
@evandrojr

Fotos/Divulgação

OG reunida com influenciadores digitais convidados para o São João da Thay, que acontece no dia 28 de junho

## Thaynara OG reúne influenciadores digitais em evento intimista

A embaixadora do UNICEF, Thaynara OG, reuniu, no casarão Acasa, na Beira-Mar, um seleto grupo de influenciadores digitais para contar, em primeira mão, todos os detalhes de seu São João da Thay, megaevento junino de cunho social a ser realizado dia 28 deste mês, no Multicenter Sebrae, no Cohafuma.

A prévia, que reuniu também outros convidados, incluindo jornalistas e artistas, foi uma espécie de confraternização com aqueles que, ao lado da estrela da festa, estão divulgando a proposta em benefício do Fundo das Nações Unidas para a Infância.

Acompanhada de seu empresário, publicitário Bruno Lima, e de sua assessora de imprensa, jornalista Marcela Simplício, Thaynara OG recebeu com muita simpatia e uma programação especial coordenada pelo hostess do espaço, empresário Alex Palhano. A tarde/noite festiva foi embalada pelo repertório do DJ Pedro Sobrinho, da Rádio Mirante FM.

### Quarta edição

O São João da Thay está em sua quarta edição e pretende superar as expectativas das três anteriores, todas com saldo positivo. Várias celebridades desembarcarão em São Luís na semana do evento para participar da festa, que não está restrita apenas à noite no Multicenter Sebrae, mas inclui uma programação turística e cultural.

Thaynana OG promoveu um encontro descontraído no casarão Acasa, na Beira-Mar

A embaixadora do UNICEF com o empresário Bruno Lima

Eu (E.J) com a anfitriã do evento

Thaynara entre as influenciadoras Elane e Jaiany (Podcast Poderosas)

A anfitriã com o influenciador digital Paulo Roberto (Um Tal de Paulo)

Cantora Flávia Bittencourt com a influenciadora digital

A jornalista Carol Carvalho

Oton Lima

Thay com Alex Palhano, que comanda o casarão Acasa

OG com as influenciadoras Mari e Thay (Botão Pink)

A assessora de Thaynara OG, jornalista Marcela Simplício (com a filha Júlia no colo) e Marly Abdalla

Victor Rivera

Fotos/Divulgação

Dona Helena Moraes Correia com as filhas Thais e Marisa e a neta Marina Gondim

A aniversariante com Edna Fonseca, a ex-prefeita de São Luís, Dona Gardênia Gonçalves e Sônia Matos

# OS 100 ANOS

## *de uma das grandes damas da mais tradicional sociedade maranhense*

Ao comemorar os 100 anos de idade de Dona Helena Machado Moraes Correia, no dia 13 de junho, evento que reuniu a família e alguns amigos mais íntimos da aniversariante, foi distribuído entre os presentes, um belo texto para contar a trajetória vitoriosa da aniversariante.

E como eu acompanho essa longa história de sucesso, faço coro com o texto escrito para traçar o perfil dessa grande mulher, especialmente quando diz que ela poderia ter sido Antônia, como muitos que nascem no dia 13 de junho, dia de Santo Antônio e como queria sua mãe, D. Lurdinha, mas foi batizada Helena – "aquela que é repleta de luz" –, como escolheu Pedro Machado, seu pai. Santo Antônio, seu padroeiro, como não poderia deixar de ser, é o seu santinho de devoção.

Quem conhece Dona Helena sabe que ela é a tradução de seu nome: um farol, uma fonte de inspiração, como bem lembrou o texto com a indagação: "Quem de nós, filhas, netos e bisnetos não lhe tem como referência?".

Helena é "enfant de Sion", colégio onde foi interna quando menina em Petrópolis, no Rio de Janeiro, e aprendeu a falar francês com pronúncia impecável. Dessa época, além das boas maneiras e da educação refinada, ela guarda as muitas histórias da Mère Juliette que gostava de contar para as filhas. Além do gosto pela música francesa de Edith Piaf. Não há como ouvir La vie em Rose e não lembrar de Dona Helena, uma amante das artes, com um senso estético apurado.

Quando jovem, ela tocava acordeon e piano. Na maturidade se interessou por decoração, arranjos florais e enveredou pela tapeçaria, inspirada na obra da famosa tapeceira Concessa Colaço, fazendo tapetes e bandôs, revelando também um talento nato pela pintura em porcelana, o que resultou na produção de inúmeras peças que participaram de exposições de arte.

A elegância pela qual Dona Helena sempre é lembrada pelos que convivem ou conviveram com ela transcende o bem vestir, o esmero em receber e o bom gosto das escolhas. Seu refinamento e sofisticação são internos, no trato com as pessoas, no falar, na forma como se porta diante da vida.

Na década de 1980 enriqueceu o seu patrimônio de afeto ao ser chamada para integrar o grupo de senhoras da sociedade maranhense que preparou os aposentos para receber o Santo Papa João Paulo II, no Seminário Santo Antonio, durante a única visita do Sumo Pontífice ao Maranhão.

Dona Helena Moraes Correia viajou pelo mundo com o seu grande amor e marido, Almyr Moraes Correia, empresário inspirado por Henry Ford a dividir os lucros com seus empregados e um rotariano devotado às causas sociais. Comungou com ele a paixão por receber estudantes de todas as partes do mundo, intercambistas do Rotary, bem como enviar maranhenses para estudos no exterior. Sua casa era um lugar de encontro, diálogo, acolhida e aprendizado. Almyr foi Governador do Rotary Club e Dona Helena, Presidente da Casa da Amizade, período em que, como interactiano, me aproximei do casal, do qual tornei-me amigo de uma longa vida.

No Maranhão, Dona Helena iniciou com algumas amigas, o movimento Bandeirante, braço feminino do escotismo, no qual somente entravam meninos. Criado para atender os anseios das meninas, era voltado para desenvolver o caráter, a destreza e as habilidades das moças, além de ensinar sobre a importância da preservação da natureza. Empoderamento feminino e preocupações ambientais na década de 1960!

A dama, que agora é centenária foi, ainda, Presidente do Hospital Aldenora Bello, cargo do qual muito se orgulha por ter contribuído com seu serviço voluntário e ações beneficentes, em prol da saúde dos menos favorecidos.

Tanta coisa boa numa pessoa só! Até o perfume usado por Dona Helena, o francês "Fleurs de Rocaille" tem cheiro de lembranças boas, de colo e de carinho, como diz o texto sobre ela, que acrescenta: "Seus ouvidos, hoje não escutam, mas escrevemos e ela ouve com o coração como sempre fez. Sua voz que nos embalava com cantigas de ninar ainda fala a linguagem do amor. Ela sempre diz ao nos encontrar 'Eu lhe amo' e repete infinitas vezes. Se há algo que ela não esquece é de dizer que nos ama".

A família agradece a Deus e a Santo Antonio pelos 100 anos de Dona Helena e lembra que de suas mãos saíram bordados feitos de afeto, receitas preparadas com o tempero da dedicação e a "bananinha assada com canela e açúcar" que ninguém faz igual. "Como não lembrar dos versos de Cora Coralina: 'nas palmas de tuas mãos leio as linhas de minha vida'! – arremata, com ternura, a bela crônica sobre essa grande dama de nossa sociedade.

Marisa Marão entre os filhos Marão Neto, Melissa, Vanessa e Carlos Eduardo posando com a mãe e avó aniversariante



A aniversariante centenária com os bisnetos Igor Marão, Ludmila Marão Paiva Fernandes, Vítor Marão, Pietra Moraes Correia, Nicolas Marão Paiva Fernandes, Felipe Marão e Lucas Marão Paiva Fernandes

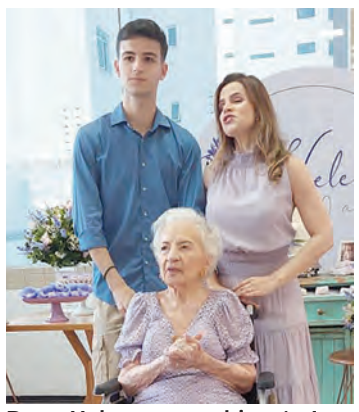
Dona Helena cercada por Melissa (neta) e Almiro Paiva Fernandes e seus três filhos: Lucas, Ludmilla e Nicolas Paiva Fernandes

Dona Helena com a filha Marisa Marão, a neta Vanessa Marão Polazzon, a bisneta Rachel Marão e a neta Melissa Marão Paiva

Lina Rosa (viúva de Francisco, filho de Dona Helena) com as filhas Flávia Helena e Laisa e a neta Pietra

Edna Fonseca, Maria da Graça Albuquerque e Maria Cândida Duailibe com a aniversariante

Dona Helena com os netos José Ribamar Marão Neto, Melissa Marão Paiva Fernandes, Vanessa Marão Polazzon, Marina Moraes Gondim, Laisa Moraes Correia Arruda e Carlos Eduardo Moraes Marão



Dona Helena com o bisneto Igor Marão e sua mãe Rachel Marão

Dona Helena com a neta Marina Moraes Gondim